



Carlos Homero Vieira Nina

Rota do Blues

Diário de um
motociclista



Carlos Homero Vieira Nina



Rota do Blues

Diario de um motociclista

Brasilia,



Tora reto!

Nesses tempos modernos de redes sociais, interatividade e comunicação online, muitos são os nossos relacionamentos, os conhecidos, ídolos e pessoas que a gente curte, retuita, repassa e comenta, que vemos sempre no Facebook e encontramos cada vez menos frente a frente.

A tecnologia aproxima e reúne, diminuindo o isolamento que as cidades grandes e a vida moderna agitada impõem. Felizes aqueles que, como nós, podem contar com gente amiga, a quem encontramos sempre para conversar sobre a vida e compartilhar história dos tempos dos retratos em preto e branco. Amigos de tomar bons

vinhos e compartilhar alegrias, afastar a solidão, construindo bons momentos que afagam a alma.

Se já é bom ter amigos, melhor, ainda, é ter amigos jovens, que vivem a mil, encaram todas as aventuras e esbanjam vitalidade. Amigos incansáveis, que nos estimulam a viver a todo vapor, fazendo com que nos sintamos também na flor da idade. Um convite para em plena maturidade agitar e manter o corpo jovem e a mente inspirada, adiando a velhice, driblando os alemães da família Alzh...o que mesmo?

Reunimos aqui uma amostra da vitalidade e da inspiração desses jovens. Um conjunto de ideias, imagens e reflexões dos amigos Vânia e Guara, mestres na arte de espantar o tédio e a velhice. São lições de vida e de amor. Porque só os que têm coração grande como eles conseguem ser os melhores avós em plena adolescência, viver aventuras mundo afora de moto, de barco ou avião e dedicar todo tempo do mundo para manter unida e conciliada uma família linda e feliz. Tanta harmonia é de dar inveja, no melhor sentido, em todos os sentidos. Só o amor pode explicar.

Neste momento em que o Guara chega aos sessenta sem sentir, e que a jovialidade da Vânia não o deixa mentir, queremos homenagear estes amigos de todas as horas com palavras e emoções que brotam dos corações. Dos corações deles e dos nossos, é claro.

Vamos em frente. Ou melhor: tora reto!

Alba e Sérgio Chacon - Rebeca e Ricardo Noblat



Rota do Blues

Diário de um
motociclista

1



Somos quinze! Creio que com os meus sessenta, estou um pouco abaixo da média, o que não tem a menor importância, pois respira-se, no grupo, um ar de jovialidade... Vamos ver como vai acabar! Afinal é nossa primeira viagem em excursão! Rumo a Atlanta: Nove longas horas de voo. No meu caso será a briga do sono/cansaço versus agonia/irritação, que fatalmente redundará numa noite insone. Mas o que significa este sacrifício perto do que nos aguarda. Afinal, iremos conhecer a Georgia, Carolina do Norte, Tennessee, Mississipe e Lousiana. Serão mais de 2000 km de estrada. Entre outros, estaremos em lugares como Memphis(rock), Nashville (country), New Orleans (jazz). Tudo isso de moto. A expectativa é grande.





Rota do Blues

Diário de um
motociclista

2

O ntem o dia foi em Atlanta, capital da Georgia. Pouco proveito! Fazia um calor brasileiro que só acentuou o cansaço da noite anterior não dormida. Nada fizemos que valha registro. Fomos salvos por um jantar à base de lagosta e vinho. Preço módico. A comida barata deve estar associada ao peso dos americanos. Como eles são gordos por aqui.

Hoje, mesmo com a possibilidade de granizo e a ocorrência de tornados na região, pegou-se a estrada rumo ao Tennessee. A Rota 169 tem um trecho conhecido como "Tail of the Dragon", em 11 milhas mais de 300 curvas. Um espetáculo de belezas naturais, que atrai milhares de motociclistas do mundo inteiro. O risco é plenamente recompensado.

Após muito insistir, Vania resolveu ocupar a garupa no final desse trecho. Seria o batismo de fogo dela. O dragão estranhamente não cuspiu fogo. Ao contrário, começou a chorar. Certamente de alegria! A chuva tornou a pista ainda mais perigosa: Vania desistiu em minutos, naturalmente.







Rota do Blues

Diário de um
motociclista

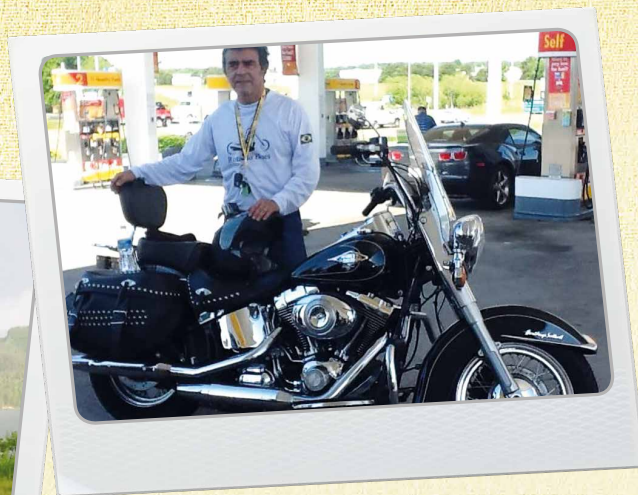
3



 pós um dia inteiro de estrada, chegamos a Nashville, capital do country e do Tennessee. No trajeto, um programa ao estilo turista americano (dá pra acreditar?): visita guiada pela Destillaria Jack Daniel's. Para não desfalcar a “excursão”, integrei-me sem muito entusiasmo ao absurdo. Mesmo das coisas mais sem sentido, deve-se tirar algum proveito, não é mesmo? Da visita não foi diferente. Só não estou seguro se será benéfico: gostei do “velho Jack”. De ontem pra hoje, já consumi quase um litro do líquido (com uma pequena ajuda da Vania, é claro!). Tomara que o bolso aguente, pois o “velho fígado” já começou a reclamar!







O Tennessee é um estado bem interessante, verdadeiramente country. Muitas fazendas, pequenas propriedades muito bem cuidadas. Coisa de cinema, a parte do interior que fizemos de moto. Aliás, esse trecho fiz de Harley Davidson. Primeiro, uma Heritage. Depois, numa Electra Glide. Me apaixonei pela primeira. É a minha cara!

Nashville é uma cidade alegre, muito festeira. Bares com música por todos os cantos. O turismo parece ser forte. Creio que os gringos vêm aqui pra encher a cara. É o turismo do “velho Jack” (discípulo do “tio Sam”), tudo liberado, inclusive, fumar em ambientes fechados, desde que se tenha mais de 21 anos. Ah! sim, charutos também. Vania e eu aproveitamos.

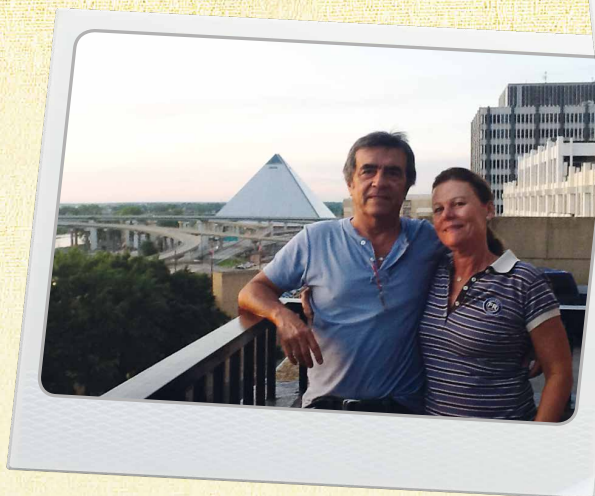




Rota do Blues

Diário de um
motociclista

4



O grupo se perdeu na auto-estrada de chegada a Memphis. O trânsito intensamente veloz, impediu-me de sintonizar o iPhone com rock ou blues para entrar na cidade de Elvis, Jerry Lee Lewis e BB King. Foi ouvindo Bolero de Ravel que cheguei. Ainda assim, foi muito bom!

Um por de sol de vários tons avermelhados num céu já estrelado embelezava ainda mais a cidade que, pretenciosamente, achei que se preparava para receber tão ilustres visitas. Doce ilusão! A cidade estava em festa, mas não era por nós. O time de basquete local disputaria, em poucas horas, o título nacional. Agitação tipo final de copa do mundo no Brasil. Infelizmente, o desfecho foi igual ao nosso. Uma tristeza!






No caminho de Nashville até aqui, a beleza crescente dos locais que passamos. Penso, que será difícil outra viagem de moto igual. Chamou minha atenção, a também crescente demonstração de patriotismo com a proximidade do "Memorial Day" (dia para lembrar os mortos na guerra): em todas as casas tremulam bandeiras e outros símbolos. Não sei se aqui no sul é mais forte por causa do sentimento de culpa pelo movimento separatista que levou à guerra civil. O certo é que eles são bastante efusivos.

Outra coisa marcante: o número de igrejas. Estou ficando convencido de que cada templo significa um passaporte para o céu. São duas igrejas, em média, para cada dez casas. Pode ser uma espécie de pagamento pelos pecados cometidos ou, pior, culto à personalidade mesmo. Afinal, eles não se acham deuses? É impressionante! Tem para todos os gostos. Atendem todos os segmentos religiosos. Deve faltar pastor!

Por falar em templos e culto à personalidade, a "excursão" irá visitar Graceland, o templo do "Deus" Elvis. Ele está para Memphis, assim como o "Velho Jack" está para Nashville. Espero não sair de lá rebolando e cantando com uma garrafa de uísque na mão.





Rota do Blues

Diário de um
motociclista

5



Não sou futriqueiro, mas vou confidenciar algo: Elvis “MOOORR-RRREUU”. Não acreditem no contrário! Espero ter sido a última das pessoas conhecidas a pagar o mico de visitar Graceland. Trata-se apenas de um caça-níquel (dollar) que algum espertalhão criou para enganar crédulos como eu. E está ganhando muito dinheiro! Precisavam ver o número de pessoas que ajoelhavam, rezavam e choravam. Incrível! É bem verdade que a fera vendeu mais de um bilhão de discos, número jamais alcançado. Se vier a Memphis, fica a dica: nada de Graceland, pura perda de tempo.

À semelhança de Nashville, bebe-se muito por aqui. Mesmo na rua. Inúmeras carrocinhas vendem bebida alcoólica. A animação é geral, principalmente nos bares. Fomos ao BB King's House. Um sócia cego cantava e tocava gaita. Inesquecível! Sente-se um pouco de discriminação de parte dos negros. Mas, nada que abale o astral.





Agora, rumo a New Orleans, o “grand finale” da excursão. Fiz parte do trajeto numa BMW R1200RT. Boa, mas não é uma Harley. Paramos no Bar-B-Q Abe, lanchonete tradicional do Mississippi com quase cem anos, no cruzamento mais perigoso das rodovias americanas. Na encruzilhada da 61 e 49, diz a lenda que Robert Johnson, uma das maiores influências e criador do formato de doze compassos do blues, teria feito um pacto com o diabo para se tornar um exímio guitarrista. O fato é que a energia do local é diferente e o sanduíche excepcional.

Uma curiosidade: o complexo de superioridade da “civilização americana” faz com que eles despuдорadamente adotem os símbolos das grandes civilizações antigas: em Nashville me deparei com o Parthenon e em Memphis eles ergueram uma pirâmide. Dá pra acreditar!? Estamos agora num hotel de estrada. A excursão, em torno da piscina, prepara um churrasco. Estou sendo convocado. Eu e o “Velho Jack”, “off course”.





Rota do Blues

Diário de um
motociclista

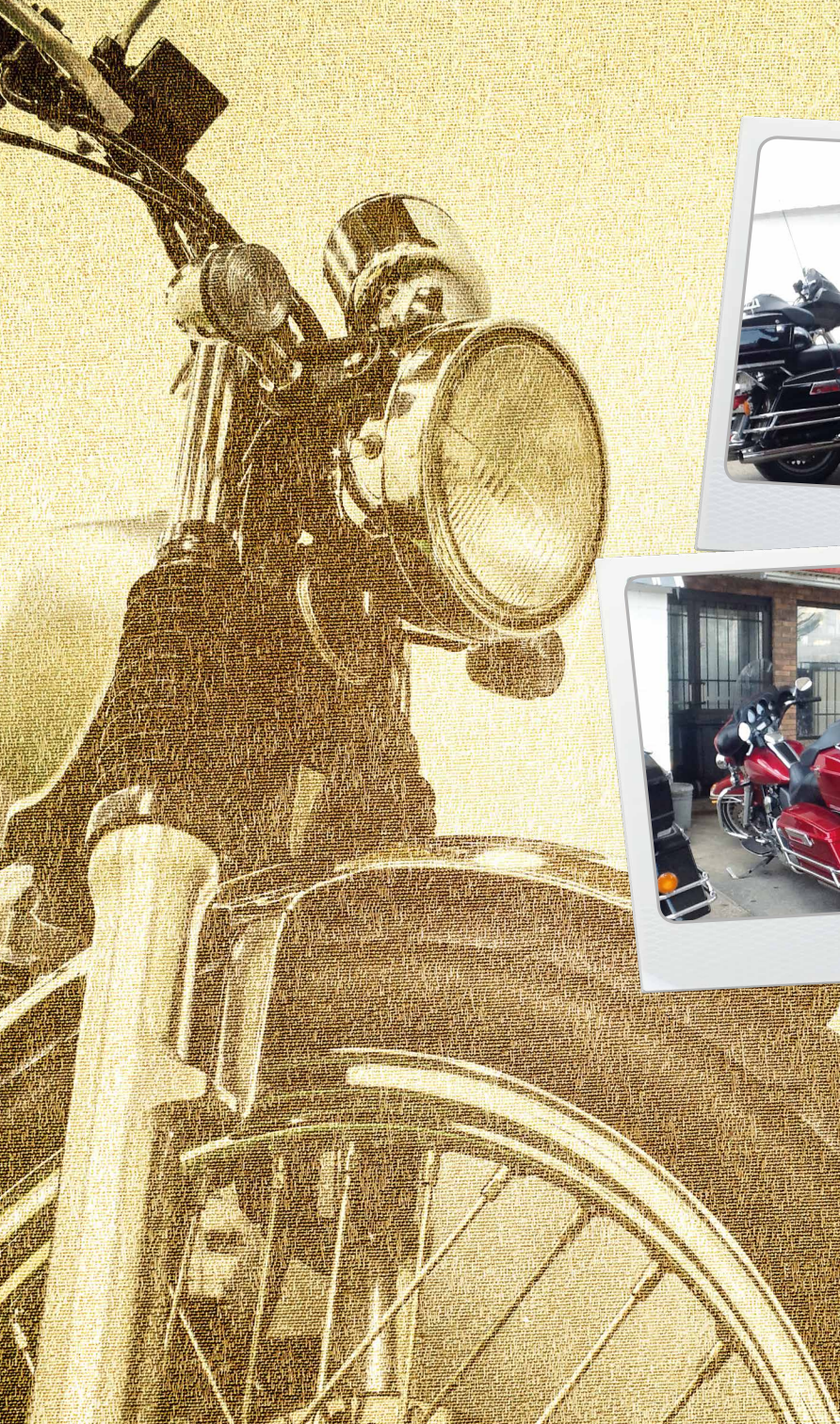
6



Estamos na Lousiania. O ponto final da excursão é New Orleans. De Memphis até aqui, trecho conhecido como Rota do Blues, dois dias. Muita coisa interessante! A encruzilhada das estradas 61 e 49, considerado o marco do nascimento do blues, se destaca pela mística. A turma por aqui é chegada num “voodoo”. Macumba mesmo!

A primeira impressão é a que fica!? Então terei dois dias para contrariar o ditado. A prevalecer, New Orleans poderá decepcionar. A cidade é até bem bonita. A música não dá pra ser questionada. O problema é que o French Quarter está tomado pela prostituição. Sujo e meio decadente. Cheio de “homeless”. Uma pena! Jantamos num restaurante considerado muito bom em comida creola. Ao contrário da Georgia, uma decepção: em preço e qualidade.







Talvez esteja pensando na minha avaliação, o fato de que hoje devolvi a moto. Não sei se ela se afeiçoou a mim. O certo, porém, é que ao final o motor dela começou a engasgar. Gasolina suja!? Difícil! Creio que ela pressentia o momento da separação. Eu triste, né! No momento de devolvê-la, virei de costas, chorei e parti. Tipo Casablanca!

Darei duas chances à New Orleans para mudar minha má impressão inicial: andarei de barco à vapor pelo Mississippi e tentarei a sorte no cassino. Quem sabe eu não estou numa das melhores cidades do mundo e ainda não me dei conta?





Rota do Blues

Diário de um
motociclista

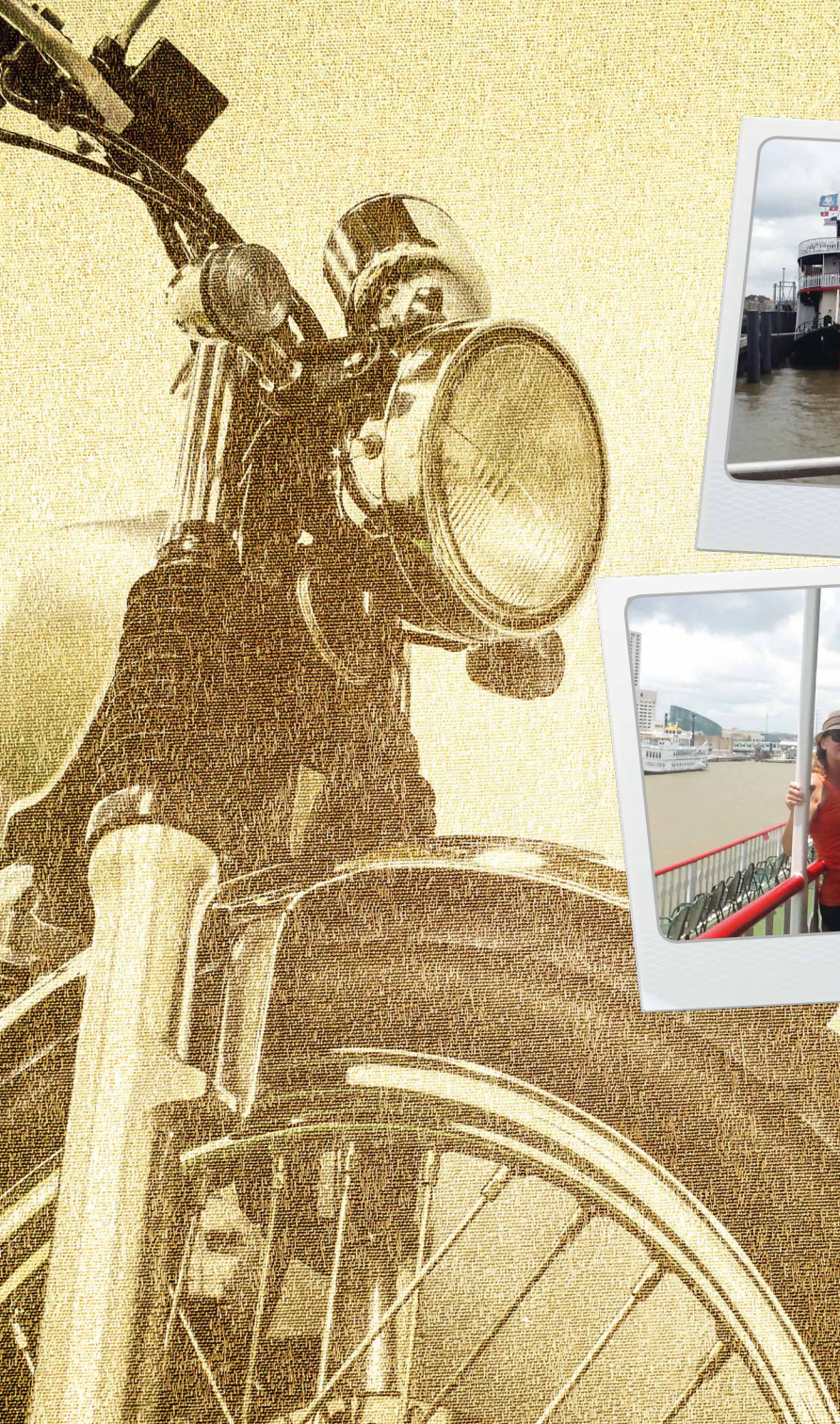
7



Meninas, cuidado! Pode estar pintando a melhor mais nova amiga no pedaço: Cláudia Torelli. Vania e ela (BFF - best friends forever) depois que se encontraram não se largaram. Falaram de tudo e de todos. Revisitaram todas as décadas de Brasília. Desde a fundação. Nada e ninguém escapou ao crivo das duas. Cláudia é a esposa do Leopoldo, o chefe da "excursão". O casal tem sido excelente companhia.

Ganhei no cassino! Pouco pesou na mudança do que pensava sobre New Orleans. A cidade é legal! Com ótimos lugares, comércio e restaurantes com muito charme. Andamos dois dias por todos lugares.. Pudemos vê-la melhor. Em alguns trechos lembra a França. Surpresa mesmo, as pessoas daqui: simpáticas e atenciosas. Vale à pena!







A fama da Bourbon Street é que não se justifica. Um único local com jazz tradicional: a Maison Bourbon. O resto vai do country ao rock e muito rock pesado. Gosto, mas não era o que esperava. Até cocaína me ofereceram! Bem decadente, queima o filme do French Quarter.

Nas nossas andanças, estivemos no French Market (pequeno mercado das pulgas) onde comemos ostra fresca. Com vinho, naturalmente. O ponto alto foi a ida ao Armstrong Park, onde curtimos um show de jazz fantástico com George Porter Jr (baixista) e Bill Summers (percusionista). Muito bom! Levaremos saudades de New Orleans!





Rota do Blues

Diário de um
motociclista

8



Hoje, termina a 1ª. parte da minha viagem pelos EUA: a “excursão” por cinco estados sulistas. Excursão acabou sendo a forma brincalhona como tratei a maravilhosa aventura de moto.

Guiados pelo californiano Marc Sloan, um cara de cinquenta anos com pinta de quarenta que largou a família para fazer rotas de moto por todo o país, percorremos mais de 2.000 km por caminhos, cuja beleza só as fotos e os filmes poderão dar uma noção. O grupo bastante eclético cumpriu a empreitada sem nenhuma desavença: houve quem atribuísse a harmonia ao pequeno número de mulheres presente: somente três. Que maldade!





Fora o Marc, éramos 22. Mara e Antonio Paim, eram os únicos não residentes em Brasília. São de Uberlândia. Estavam reunidas nele todas as características do “mineirinho”: um figuraço. O grupo tinha mais três mineiros. Seis eram do Rio. Quatro nascidos em Brasília. Um do Piauí, um de Mato Grosso, um de Goiás e um de São Paulo. E imaginem, três do Amazonas. Eu inclusive, né! As idades variavam dos 10 aos 64 anos: Robson, o mais velho e Juliano, o mais novo.



Eu, era o terceiro colocado com os meus sessenta quase completos. Nada atrapalhou o companheirismo que floresceu no grupo. Juliano, contrário senso, contribuiu muito para isso. Menino esperto, o “Churumello” ou “Ministrinho” servia de intérprete do grupo com seu inglês fluente. Uma graça! A maturidade precoce não permitiu, no entanto, que ele atravessasse determinadas fronteiras: foi barrado em alguns bares e no cassino. Uma injustiça! Ainda assim, não prejudicou em nada a atividade do grupo.





Eis o grupo dos 22

Motociclistas:

Leopoldo Torelli (chefe), Carlos
Nina Guarany, Donizetti Ferreira,
Nelson Ruscher, André Amaral
Leitão, Duilio Vicente Júnior,
Gustavo Marques de Almeida,
Euclides Castelo Branco, Hermes
Alcantara, Evaldo Costa Pontes,
Ricardo Viana de Carvalho, Afonso
Celso, Arlindo Porto, Airton
Oliveira e Robson Machado.



Acompanhantes:

Claudia Torelli (esposa Leopoldo-motorista da van de suporte n. 1), Vania Nina (esposa Guarany-garupeira), Juliano Telles (neto do Ailton-garupeiro), José Humberto Borges-Zé 1 (motorista da van de suporte n. 2), Sérgio M. Souza-Calé (navegador van), Antonio Lemos Paim e Mara Paim (navegadores van).

Vania e eu, partiremos para a 2a. parte da nossa viagem: curso de inglês em Orlando. Lá, aguardaremos os filhos, noras e netos (amigos são bem-vindos) para comemorar meus sessenta anos. E eu, me achando tão novo! Minha luta agora será não permitir que as manias se sobreponham às vontades. Afinal, velho é cheio de mania, não é mesmo? E o jovem? Ah! O jovem é dono da razão, além de estar sempre cheio de vontade.

Se der, escrevo de Orlando. Não sei se terei tempo disponível. Como todo jovem aprendiz, tenho que me dedicar aos estudos!

THE END





Rota do Blues

Diário de um
motociclista

9

FINAL

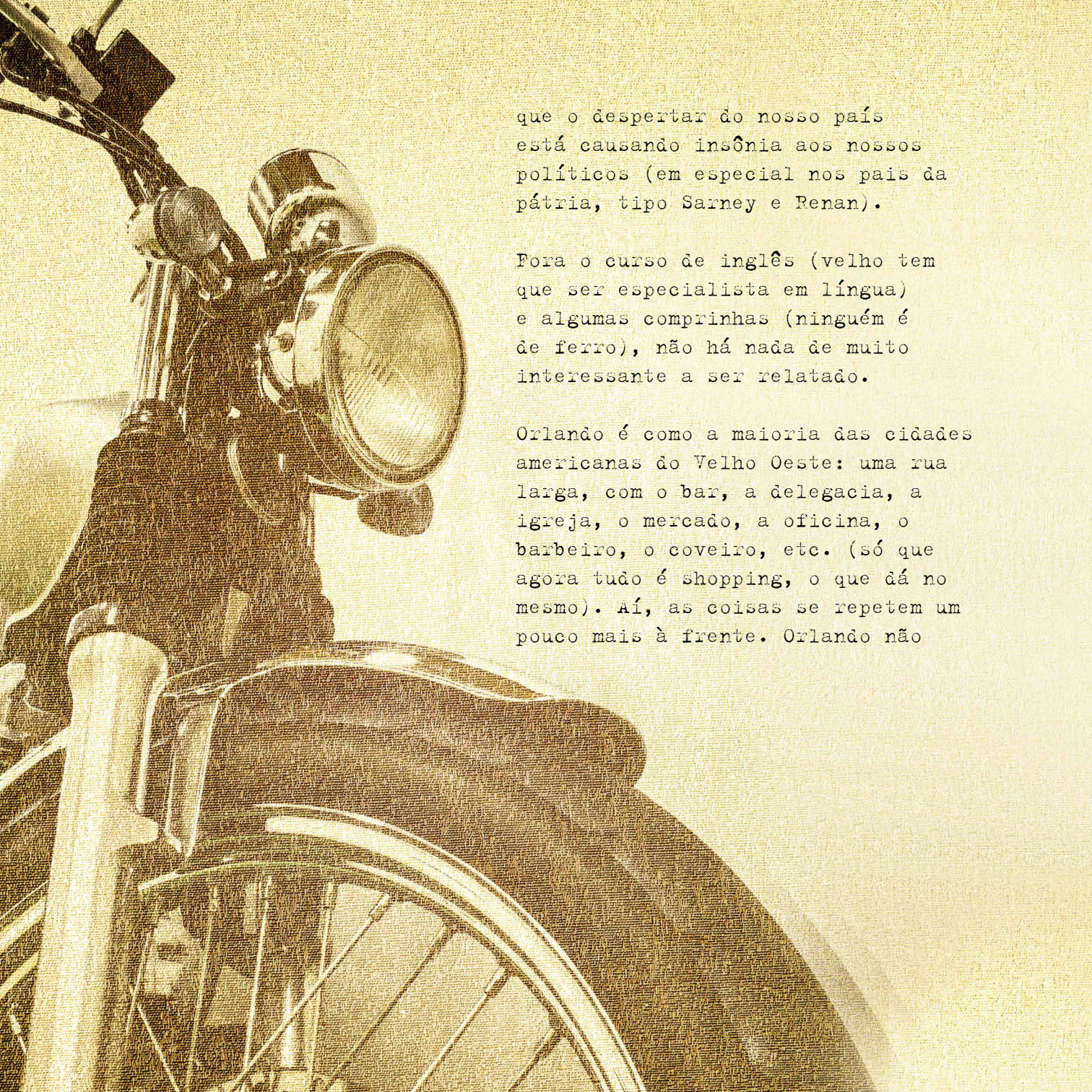


Notícias do “sex” (agenário)

Beijos aos amigos que enviaram cumprimentos pelos meus sessenta anos. Também para aqueles que acharam melhor não enviar. Afinal, sessenta anos são para ser comemorados? Não estou bem certo!

Alguns, creio que com saudades, cobram notícias. Parei de enviá-las, porque nada daqui parece ser tão interessante como as coisas que estão ocorrendo no Brasil. As notícias chegam daí e tenho me divertido muito com elas. Morro de dar risadas ao imaginar





que o despertar do nosso país está causando insônia aos nossos políticos (em especial nos pais da pátria, tipo Sarney e Renan).

Fora o curso de inglês (velho tem que ser especialista em língua) e algumas comprinhas (ninguém é de ferro), não há nada de muito interessante a ser relatado.

Orlando é como a maioria das cidades americanas do Velho Oeste: uma rua larga, com o bar, a delegacia, a igreja, o mercado, a oficina, o barbeiro, o coveiro, etc. (só que agora tudo é shopping, o que dá no mesmo). Aí, as coisas se repetem um pouco mais à frente. Orlando não

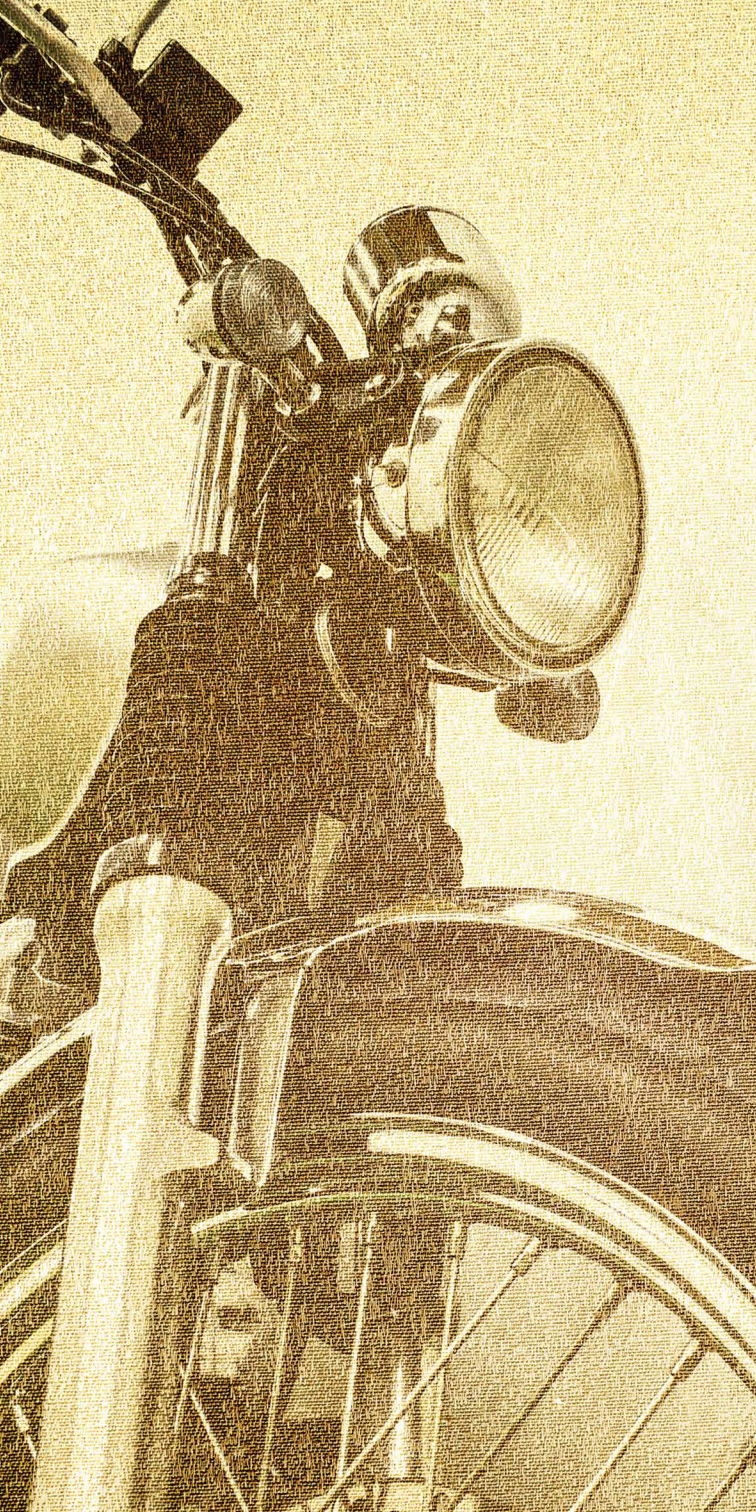


foge à regra. A diferença são os parques de diversão. Tem de tudo que se possa imaginar. Só não tem gente nas ruas.

Trata-se de uma cidade automotiva. Aliás, não sei de onde surgem tantos automóveis nas estradas, auto-estradas, free-ways, vias expressas e outras coisas do gênero. Se descuidar, você pode parar no outro lado do mundo. Outro dia, me deparei com o Coliseu romano (tudo eles copiam). Mas, gente nas ruas? Nem pensar! Só na fila dos brinquedos, é claro! São imensas!

Algumas coisas compensam: descobrir um lugar charmoso como o Winterpark, por exemplo. Não é um parque, e sim uma pequena cidade





próxima a Orlando. Lembra muito um bairro europeu: bem cuidado e excelentes restaurantes. E o melhor: comida variada e gostosa. Fora do padrão da comida americana, que diga-se de passagem, é uma lástima. Eles transformam coisas boas em algo vulgar, pesado, sem graça. Ao contrário de nós, que fazemos das simples refeições uma coisa tão charmosa. Dá saudade! Aos amigos que pretendam (ou se sintam obrigados a vir por aqui, com os netos por exemplo, fica a sugestão: hospedem-se em Winterpark. No mínimo, amenizará a chatice que a mesmice das cidades americanas nos causa.



A chegada dos netos levantou o astral. Eles pensam que vieram para se divertir nos parques. Santa ingenuidade! Estão aqui para divertir o avô “idoso”. De qualquer sorte, já estou contando os dias para o regresso.

Vou confessar: os sessenta estão pesando. Atravessei a tal crise dos trinta (não confie em ninguém com mais de trinta anos, lembram-se?) sem sequer me dar conta: uma criança, embora já pai de três filhos. Os filhos, na sua adolescência, eram a única coisa a me lembrar que eu havia chegado aos quarenta. Mas, tal como eles, me sentia um adolescente. Também pouco me afetou a chegada aos cinquenta, embora já não fosse tão imaturo. Agora aos sessenta, a tal crise quer se tornar minha companheira. Crise existencial! Será?



A verdade é que já estou mais pra lá do que pra cá. A velhice chegou! Qualquer critério que eu utilize: vida útil, avanço da ciência, qualidade de vida (alguém sugere algum outro?) o resultado não me parece favorável. A sorte é que até agora não havia me dado conta. Me resta torcer para, pelo menos, passar direto da falsa adolescência para a senilidade.

Talvez esteja no caminho certo. A escolha de Orlando é bem representativa disso. Penso que o subconsciente me trouxe pra cá. É uma cidade pra jovens, não é verdade? Terá sido "síndrome de Peter Pan"? Os netos na Disney e o curso de inglês foram mera desculpa? Não sei! O certo é que não foi "síndrome de Faraó", que eram enterrados com todos os seus bens. Coitados dos meus filhos!

É duro completar sessenta anos, por mais que você se esforce para pensar que foram bem vividos. A própria frase parece dizer que, pelo menos, os melhores anos já se passaram. Ainda que o esqueleto reclame e, a cada dia, o "saco" fique mais seletivo, vou lutar para que as manias não superem as vontades. Porque pensando bem: pior seria não completar sessenta!.. Setenta!... Oitenta!...



Design gráfico:
Chica Magalhães



Rota do Blues

Diário de um
motociclista